

O personagem na ficção policial moderna – Leonardo Padura Fuentes: Cuba, o detetive Mario Conde e seus fantasmas

Renata Pallottini

Professora doutora do Departamento de Artes Cênicas da ECA-USP.

Dramaturga, escritora e poeta.

E-mail: rpallott@uol.com.br

Resumo: O presente artigo busca apresentar, de forma sucinta, a bibliografia do escritor contemporâneo cubano Leonardo Padura Fuentes, quase toda voltada ao romance policial – e na qual o jovem habanero Mario Conde, policial, romântico e inveterado bebedor de rum, busca levar a cabo suas investigações, ao mesmo tempo que apresenta um retrato pungente da atual sociedade de seu país.

Palavras-chave: Literatura, Cuba, Leonardo Padura Fuentes.

Abstract: This is a concise bibliography of contemporary Cuban writer Leonardo Padura Fuentes, whose works are mainly detective novels. In his stories, the Young habanero Mario Conde, policeman, romantic and inveterate rum drinker, carries out his investigations, while presenting a poignant portrait of his country's contemporary society.

Keywords: Literature, Cuba, Leonardo Padura Fuentes.

Escrever sobre autores cubanos atuais é penetrar num lindo mundo enevado, cheio de perspicácia e adivinhação. Desde tentar a comunicação, estando em Cuba, com Leonardo Padura (1955 – Havana), até tentar localizá-lo através de sua editora brasileira, a Companhia das Letras, a viagem é longa e algo arriscada. Mas vamos a isso. O que se deseja não é ver o autor – aliás, um cinquentão simpático –, mas estudá-lo, escrever sobre ele e sobre a sua criação principal, o detetive da polícia cubana Mario Conde.

Depois de uma carreira promissora, iniciada como jornalista e crítico, foi em 1991, com uma edição no México, EDUG, portanto aos 36 anos, que Padura iniciou sua viagem pelos caminhos da novelística policial, criando o seu

Recebido: 15.08.2011

Aprovado: 23.08.2011

instigante personagem principal Mario Conde, que é, segundo o criador, o seu intermediário entre a ficção e a realidade.

Essa aparição se deu em *Pasado perfecto*¹; o livro se propunha a, declaradamente, ser o primeiro de uma tetralogia intitulada *Las cuatro estaciones*, que se completaria – e assim aconteceu – com *Vientos de Cuarema*², *Máscaras*³, e *Paisaje de otoño*⁴. Inesperadamente, agregou o autor dois novos títulos à saga de Mario Conde: *Adiós, Hemingway*⁵ e *La cola de la serpiente*⁶. O primeiro desses dois títulos, aliás, redundou num premiado filme de Fernando Perez, brilhante cineasta cubano, autor de uma filmografia respeitável. Mario Conde teve, assim, sua ação como representante da geração que cresceu no período revolucionário, que viveu todo o período de efervescência dos anos 1960, levada às telas.

Depois, ainda, volta Padura à sua antiga ficção, com *La neblina del ayer*⁷, quando já o antigo policial, dedicado ao seu amor pelas letras, passa a viver do comércio de livros velhos; comércio esse que, como vê quem visita a Ilha, é um florescente meio de vida, visível na Plaza de Armas, nas cercanias do Cine Yara e da sorveteria Coppelia, entre outros lugares.

O tenente Mario Conde, o detetive-herói de Padura, é um policial cubano, de trinta e tantos anos, que, com o passar do tempo, por indisciplina ou por desinteresse, afasta-se de seu posto na polícia, mas nunca das investigações e, mais, do questionamento que o envolve nas relações com o mundo, a sociedade, a alta burocracia cubana.

É possível que, devido às dificuldades naturais na imersão desse mundo, o autor tenha preferido voltar-se para outro tipo de literatura, dedicando-se a escrever sobre outros temas. Foi assim que nasceram, à margem de suas primeiras preferências, *La novela de mi vida*⁸ e outras obras.

Cabe aqui, portanto, uma dúvida básica: teria Padura desistido de manter-se fiel às aventuras de seu personagem, por julgar, talvez, que fosse complicado criar histórias que tratassem as investigações de um detetive particular em Cuba (contratado por quem? pago por quem?); ou, ao contrário, foi aconselhado, por mais prudente, a simplesmente abandoná-lo?

O mundo em que vive e trabalha Mario Conde é um mundo peculiar e de convivência delicada; sabe-o quem o conhece de perto. Padura busca problematizar a realidade cubana, desvendá-la conscienciosamente e fazer a seu respeito comentários

1. FUENTES, Leonardo Padura. *Pasado perfecto* (Passado perfeito). La Habana: Uneac, 1995.

2. Id. *Vientos de Cuarema* (Ventos de Cuarema). Barcelona: Tusquets Editores, 1994.

3. Id. *Máscaras*. Barcelona: Tusquets Editores, 1997.

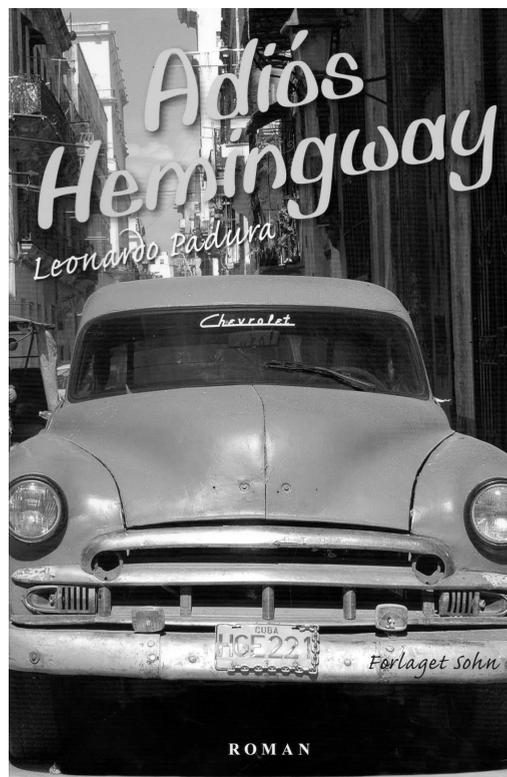
4. Id. *Paisaje de Otoño* (Paisagem de outono). Barcelona: Tusquets Editores, 1998.

5. Id. *Adiós, Hemingway* (Adeus, Hemingway). La Habana: Ediciones Union, 2001.

6. Id. *La cola de la serpiente* (O rabo da serpente). La Habana: Ediciones Union, 2001.

7. Id. *La neblina del ayer* (A neblina de outrora). La Habana: Ediciones Union, 2005.

8. Id. *La novela de mi vida* (A novela de minha vida). La Habana: Ediciones Union, 2002.



Capa de edição da obra *Adiós Hemingway*.

criteriosos. Mas a realidade volta-se, às vezes, contra ele, dificultando a sua transcrição e, mais, a sua análise. Então, é muito comum que ele se remeta ao passado dos seus personagens, de *Carlos el Flaco*, principalmente.

A tradução, muitas vezes, atraiçoa; é difícil traduzir o nome de Carlos, como Carlos, o Magro. Carlos, em todo caso, foi um jovem contemporâneo de Conde, do mesmo bairro de *La Vibora*, onde cursaram a mesma escola e passaram pelos mesmos namoricos de esquina, jogaram o mesmo jogo de *pelota*, o beisebol, partilharam as meninas e a moda juvenil de cabelos e roupas.

Mas Carlos foi convocado para ir à África, na aventura/missão de defender Angola, e o MPLA, Movimento Pró-Liberdade de Angola, em 1974/5; considerando-se que Carlos e o Conde são contemporâneos, o *Flaco* vai para África com vinte anos e volta de lá paraplégico, em consequência de um tiro na coluna.

O sobreviver de Carlos, então, passa a ser uma agonia; prisioneiro da cadeira de rodas, ele se dedica a comer, a engordar e, principalmente, a beber rum, amparado pela mãe, defensora muda de seus velhos ideais, contando ainda com os amigos da juventude e, principalmente, contando com a companhia de Mario Conde.

Josefa, a mãe do *Flaco*, que mandou para Angola um único filho saudável e cheio de planos, recebe-o paraplético e impotente. Por alguns meios obscuros, que nem Carlos nem Mario identificam, ela consegue mantimentos suficientes para unir ao redor da mesa os amigos que restaram ao *Flaco* e que, agora, entre audições de música velha norte-americana e garrafas esvaziadas de rum, conseguem dar um simulacro de vida ao filho inválido.

Carlos é o retrato dos resultados de uma guerra estranha: estranha ao seu país e aos próprios resultados dela; sem consultá-lo, mandaram-no, como se faz com todos os soldados, defender uma causa que, possivelmente, não era a sua. E o devolvem à vida reduzido à metade.

Sem comentar a guerra de Angola, Padura consegue comprometer-se na exposição de uma espantosa injustiça e num comentário seco e expressivo da injustiça de todas as guerras, no que tange a quem morre nelas.

Seu amigo e protagonista das histórias, Mario Conde, enquanto detetive de uma polícia cubana formal, tem meios e direito a investigar, prender e castigar criminosos identificados. À medida que se vai afastando do seu cargo constituído, enquanto vai buscando aproximar-se do seu desejo mais recôndito, o de ser escritor, sua busca passa a ser, cautelosamente, a das razões pelas quais, a despeito das proibições oficiais, da vigilante burocracia do regime vigente, das velhas e conhecidas personagens intocadas por dever e respeito a uma autoridade maior, continuam a emergir os vícios e as culpas da classe dominante.

E é em *Máscaras*, romance publicado no Brasil pela Companhia das Letras, no ano de 2000, que Mario Conde consegue reunir seus melhores talentos e maiores demonstrações de rebeldia, versados em um bom texto policial e de denúncia social.

De fato, surgem aí o bar miserável disfarçado em uma casa de cômodos – o talvez *solar* cubano –, onde tudo está errado e fora de propósito, mas que, por isso mesmo, prospera e atende aos recônditos desejos da população, privada

de formas mais variadas de lazer e, ainda, de um modo mais expressivo de exteriorizar suas frustrações.

Máscaras trata do assassinato de um travesti, no famoso e formoso Bosque de *La Habana*, um dos mais justificados orgulhos dos *habaneros*.

Como é natural no gênero, surgem ao longo das investigações muitas teorias, muitos suspeitos e muitas possibilidades, mas, ao fim, se esclarece a culpa do pai do homossexual morto no Bosque; como se espera, a carga excessivamente pesada de ser pai de um *gay* numa sociedade machista e extremamente cultora das características vulgarmente identificadas com a virilidade acaba por justificar a morte, por assassinato, de um filho que foge às exigências primitivas de seu pai.

Como quase sempre acontece nos bons romances policiais, identificar o culpado é o que menos importa. Muito mais importante é criar, caracterizar e pôr em ação personagens originais, que deem um bom retrato da sociedade em que vivem, a qual, geralmente, sustenta os seus pesquisadores, ao mesmo tempo que os atormenta. Busca-se e identifica-se o criminoso, quase como se isso representasse a justificativa de um gênero.

Muitas outras oportunidades vão se apresentar para que o detetive assim criado volte a exercitar seu raciocínio e sua intuição. Isso acontecerá em romances posteriores, até que, por uma razão ou outra, Padura se lance em tentativas mais ou menos bem-sucedidas de pôr em uso, em outros gêneros, o exercício da sua arma: a pena. Ele a usará como pode, sendo fiel aos seus desejos e à sua vocação, enquanto esse exercício não o impedir de viver em Cuba, seu país e sua maior paixão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FUENTES, Leonardo Padura. **Vientos de Cuaresma** (Ventos de Quaresma). Barcelona: Tusquets Editores, 1994.

_____. **Pasado perfecto** (Passado perfeito). La Habana: Uneac, 1995.

_____. **Máscaras**. Barcelona: Tusquets Editores, 1997.

_____. **Paisaje de otoño** (Paisagem de outono). Barcelona: Tusquets Editores, 1998.

_____. **Adiós, Hemingway** (Adeus, Hemingway). La Habana: Ediciones Union, 2001.

_____. **La cola de la serpiente** (O rabo da serpente). La Habana: Ediciones Union, 2001.

_____. **La novela de mi vida** (A novela de minha vida). La Habana: Ediciones Union, 2002.

_____. **La neblina del ayer** (A neblina de outrora). La Habana: Ediciones Union, 2005.